



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## **MEMÓRIAS DA GUERRILHA DO ARAGUAIA:**

### **RELATOS AUDIOVISUAIS DE MORADORES DE PALESTINA DO PARÁ<sup>1</sup>**

**Dácia Ibiapina da Silva**

Professora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília.

**RESUMO:** A Guerrilha do Araguaia foi um dos mais importantes movimentos armados rurais já ocorridos no Brasil. O auge dos combates entre os guerrilheiros do PCdoB (Partido Comunista do Brasil) e as Forças Armadas brasileiras aconteceu entre 1972 e 1974. Além dos guerrilheiros e dos militares que os combateram há, neste episódio, um terceiro conjunto de atores sociais significativo: os moradores da região onde aconteceu esta guerrilha. Esta comunicação aborda as marcas deixadas pela guerrilha nas memórias destes moradores, a partir de relatos feitos por habitantes da cidade de Palestina do Pará, gravados em vídeo e/ou película, bem como de um filme documentário realizado no contexto da pesquisa, denominado *Palestina do Norte: o Araguaia passa por aqui*.

**Palavras-chave:** Memórias de experiências traumáticas, Guerrilha do Araguaia, Relatos audiovisuais de memória

Desde 1995, venho pesquisando as memórias da Guerrilha do Araguaia, junto aos moradores da região onde aconteceu este movimento armado, no início dos anos 70 do século passado, abrangendo uma extensa área banhada pelos rios Araguaia e Tocantins, no sul e sudeste do estado do Pará e norte do atual estado de Tocantins. Ao longo da pesquisa, fiz o esforço teórico-metodológico de produzir minhas próprias fontes – a partir de relatos de memória gravados em vídeo e/ou película - aliado à tentativa de fazê-las dialogar entre si e com outras fontes. Meu objetivo foi construir uma interpretação, que por certo não se pretende única nem definitiva, sobre estas memórias, tomando como ponto de partida interpretações, representações, sensações e sentimentos que emergiram durante as gravações ou filmagens dos relatos.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Dada a impossibilidade de ouvir todas as pessoas da região, foi necessário fazer um recorte. A pesquisa foi realizada em Palestina do Pará, cidade situada na margem esquerda do Rio Araguaia, no sul do Pará, com 7.527 habitantes (Censo IBGE/2000). Escolhi esta cidade por tratar-se, historicamente, de um lugar significativo para as memórias locais da guerrilha e, também, por ter como estabelecer contatos com lideranças comunitárias locais, que se transformaram em aliados no decorrer do trabalho.

**Fui à região do Araguaia em busca de homens e mulheres que vivem ali, para pedir-lhes que confiassem em mim e, em o fazendo, confiassem-me um naco de suas memórias. Não os escolhi por acaso, mas por acreditar que viveram experiências traumáticas, não planejadas, imprevisíveis em suas histórias de vida, provocadas pela Guerrilha do Araguaia. Fui atrás das marcas que estas vivências deixaram em suas memórias individuais e coletivas. Quis saber se mudaram ou não o rumo de suas vidas, se contribuíram para aumentar ou diminuir sua dificuldade de viver. Esta busca teve motivações científicas, estéticas e humanas. Meu objetivo não era desfrutar sozinha do privilégio de conhecer estas memórias. Queria registrá-las, interpretá-las, transformá-las em documentos para a história, compartilhá-las com a comunidade acadêmica, bem como com outros interessados no tema.**

Os que me confiaram parte de suas memórias não o fizeram sem antes perguntar quem eu era, porque me interessava por suas histórias e o que pretendia fazer com elas. Expliquei que sou cineasta, professora, pesquisadora, que me interessa por histórias como as deles e que pretendia fazer primeiro um filme documentário e, depois, uma tese<sup>2</sup>. Como não estão acostumados com isso, logo pensaram em televisão, daí as perguntas inevitáveis: vai passar na televisão? Quando e em que canal? Apesar da dificuldade de explicar e justificar os meus motivos, conseguimos nos comunicar, estabelecer uma relação de confiança mútua, pautada por limites tênues, estabelecidos tacitamente, que permitiram a emergência das narrativas de memórias que são as fontes

---

<sup>2</sup> “Memórias da Guerrilha do Araguaia: relatos de moradores de Palestina do Pará”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em 03/04/2002.



principais desta pesquisa. Meu grande desafio foi, em primeiro lugar, interagir com os entrevistados de forma a possibilitar a emergência de seus pontos de vista e de suas representações sobre a Guerrilha do Araguaia, e os passos seguintes, a edição do material audiovisual<sup>3</sup> e a escrita de textos, lugares da construção de minha própria interpretação sobre estas memórias locais, a partir da reflexão crítica sobre este conjunto de narrativas nas quais estou profundamente implicada, já que propus as entrevistas e as conduzi.

Esta pesquisa tem a sua história. Começou em 1995 e vem se arrastando até hoje (2002). Estes sete anos são fundamentais para entender como as memórias locais da Guerrilha do Araguaia mudaram ao longo do tempo. Do ponto de vista da construção dos relatos de memória que são aqui enfocados, houve um tempo de calar, de “passar ri-ri na boca”<sup>4</sup>, depois houve o “tempo do fala baixo”, tempo de “cochichar” e, agora, há o tempo de falar. Vários fatores interferiram neste processo de gerenciamento do silêncio local sobre a guerrilha. Alguns deles são de natureza institucional. Atualmente é tempo de falar porque, passados 26 anos do final da guerrilha, já não é mais possível silenciar sobre os fatos ocorridos ali. Além disso, agora, o Estado acena com a possibilidade de indenizar, por perdas morais e materiais, moradores da região que foram presos ou torturados na época, bem como familiares dos que morreram durante os combates, desde que sejam capazes de comprovar estas perdas por meio de documentos, bem como de relatos pessoais e de testemunhas. Logo após a guerrilha, era o tempo de calar, porque o Estado repressor ameaçava punir severamente quem quebrasse a lei do silêncio. O mesmo Estado que antes os obrigava a silenciar, agora os incita a falar, inclusive com promessas de indenização.

Existem também fatores relacionados com a própria pesquisa. Minha primeira visita à Palestina aconteceu em abril de 1995. Na época, ninguém me conhecia na

---

<sup>3</sup> Um dos resultados é o filme *Palestina do Norte: o Araguaia passa por aqui*, documentário, 35mm, 15 minutos, Brasília, 1998, direção e roteiro de Dácia Ibiapina da Silva. Roteiro premiado em concurso nacional de curta-metragem promovido pela Secretaria para o Desenvolvimento do Audiovisual do Ministério da Cultura – SDAV/Minc, prêmio de melhor documentário e de melhor trilha sonora adaptada no 22º Guarnicê de Cinema e Vídeo em São Luís, em junho de 1999, prêmio de melhor fotografia de documentário no III Festival de Cinema e Vídeo do Recife, em maio de 1999.

<sup>4</sup> Na região, a palavra ri-ri significa zíper. “Passar ri-ri na boca” significa calar-se.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

cidade e eu dizia que queria fazer um filme documentário sobre a Guerrilha do Araguaia. Naturalmente, poucas pessoas concordaram em falar sobre este assunto. Eu e Célia Maracajá<sup>5</sup>, que me acompanhava na ocasião, conversamos com várias pessoas, mas só conseguimos gravar duas entrevistas, em vídeo: uma com Petronília Maria da Silva, conhecida como Donila, então presidente da Associação das Quebradeiras de Coco da Palestina; e outra com o senhor José Manoel Barbosa. As outras pessoas contatadas, ou não quiseram falar, ou falaram mas não concordaram em gravar.

Minha segunda visita à cidade ocorreu em julho de 1997, também em companhia de Célia Maracajá. Foi após a publicação de um extenso dossiê sobre a Guerrilha do Araguaia no jornal *O Globo*, em maio de 1996. Muitos jornalistas tinham estado na região, alguns moradores tinham falado com eles, a televisão veiculou algumas reportagens sobre o tema. O silêncio sobre o assunto estava então um tanto ou quanto amenizado, mas o medo ainda era muito grande. As pessoas tinham medo de gravar uma entrevista falando sobre a guerrilha e comprometer-se. Fizemos então vários contatos, ouvimos várias pessoas, gravamos alguns depoimentos usando um gravador de fita cassete. Prometemos retornar para rodar o filme assim que conseguíssemos financiamento.

Em outubro de 1997, fui à Palestina para rodar o filme documentário, desta vez sozinha, sem o apoio de Célia Maracajá. Fiquei uma semana organizando a produção do filme, fazendo contatos, ouvindo as pessoas contarem suas lembranças da época da guerrilha. Logo depois chegou a equipe de filmagem. Entrevistamos então cinco mulheres e um homem. Estas entrevistas foram gravadas em película. Ao final das filmagens, contava já com dez horas de material gravado em película, além de duas horas de entrevistas gravadas em vídeo, em 1995, e quatro horas de gravações em fita cassete.

Após montar o filme, com 15 minutos de duração, em 1998, dei-me conta de que tinha acumulado muitas informações orais e escritas sobre a guerrilha, que tinha muitos depoimentos interessantes que ficaram fora do filme, que tinha feito amizades e

---

<sup>5</sup> Produtora cultural de Belém – Pará, com quem compartilhei as pesquisas iniciais para o filme documentário mencionado anteriormente.



contatos valiosos na Palestina e, o mais importante, tinha uma grande vontade de continuar pesquisando sobre o tema. Decidi então elaborar meu projeto de doutoramento sobre as memórias locais da Guerrilha do Araguaia.

Em janeiro de 2001, fui novamente à Palestina, para uma última etapa de pesquisa de campo. Entrevistei então vinte e três pessoas, das quais duas moram em Marabá – Otacílio Alves de Miranda e sua esposa, Dona Felicidade – As demais moram na Palestina. Nestas entrevistas, as pessoas não falaram apenas da guerrilha; falaram de si e dos familiares e amigos, queixaram-se de doenças e falta de dinheiro, falaram de política, religião, trabalho, contaram “causos”, divertiram-se e divertiram-me. São longas entrevistas. Geralmente no começo os entrevistados ficavam surpresos e desconfiados, desculpavam-se pela sujeira e pobreza que enxergavam em suas casas. Em seguida, geralmente, mudavam de atitude e ficavam felizes por serem lembrados e valorizados, por ter alguém que os ouvia com atenção e demonstrava interesse por suas histórias de vida. Às vezes tomávamos um café juntos e trocávamos presentes. Em alguns casos, a interação era tão forte que ficava difícil a despedida. Eu precisava deles e eles precisam de mim. Fui uma aparição e uma surpresa para eles, tanto quanto eles foram para mim, especialmente quando os entrevistados eram idosos e tinham poucos interlocutores.

Na construção do objeto desta pesquisa, alguns autores e conceitos foram fundamentais. O conceito de *gestão do silêncio*, formulado por Michael Pollak (1986, p. 30), ajudou-me a interpretar a dificuldade que tiveram os entrevistados para relatar suas memórias traumáticas. A *sociologia dos meios de subsistência*, utilizada por Antonio Candido em *Os Parceiros do Rio Bonito* (1982, pp.28-32), foi uma referência importante para a compreensão da relevância que tem a luta pela sobrevivência nas histórias de vida dos moradores da região. Trilhando este caminho, foi possível situar socialmente a Guerrilha do Araguaia nos relatos de memória dos entrevistados, como uma etapa em sua luta cotidiana para “escapar com vida”. A *miséria do mundo*, de Pierre Bourdieu (1997), desloca esta mesma discussão para outro tempo e outros lugares (áreas urbanas degradadas em cidades como Paris e Chicago, no início dos anos 90 do século passado), onde a luta pela sobrevivência também revelou-se motivo de grande



sofrimento. Para compreender/explicar os relatos de memória dos entrevistados, recorri ao modelo interpretativo da dupla interpretação hermenêutica proposto por Paul Ricoeur (1978, 1986), sem esquecer autores que o antecederam na discussão das relações entre razão e afetividade, explicação e compreensão na construção do conhecimento humano, como por exemplo Lucien Lévy-Bruhl (1951) e Hans-Georg Gadamer (1993). Pesquisar o desdobramento desta discussão em outros autores, por exemplo, Karl-Otto Apel (1985) e Roberto Cardoso de Oliveira (1991), também foi esclarecedor. No esforço de situar os relatos de memória dos entrevistados, do ponto de vista narrativo, encontrei em Walter Benjamin (1987) e em seu conceito de narrativa uma importante referência, pois a inserção sócio-cultural deste narradores, bem como a forma de narrar suas experiências, aproximam-nos sobremaneira do narrador benjaminiano.

### **Resultados da pesquisa: a contribuição do cinema e do audiovisual em estudos de memórias de experiências traumáticas**

Retomarei aqui, brevemente, o papel da afetividade, da *compreensão*, ou ainda da *dupla interpretação*, nesta pesquisa. Em especial, a influência dos afetos no corpo-a-corpo com a realidade pesquisada, de onde emergiram os relatos de memória que me permitiram desenhar seu objeto. A opção por construir os relatos usando o cinema ou o vídeo teve implicações metodológicas na apreensão deste corpo-a-corpo. A experiência de gravar e de filmar os relatos de memória muda a qualidade dos relacionamentos sociais contruídos e são auto-reveladores da metodologia de trabalho do pesquisador. Ao editar e apresentar, honesta e modestamente, seu material audiovisual, ele fica mais exposto diante dos espectadores, entre os quais devem estar também as pessoas filmadas, bem como diante de seus pares. Todos podem testemunhar e analisar as tensões e angústias do momento das gravações e filmagens, os confrontos entre o pesquisador e os entrevistados, expressos nos diálogos, bem como nas imagens. Explicitar, na tela, estes conflitos, tomando-os como dados primários da pesquisa, deve ser encarado como uma contribuição para a boa pesquisa e, talvez, para o bom documentário cinematográfico, videográfico, ou ainda, televisivo.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Antes de partir para a Palestina, pela primeira vez, já estava informada das dificuldades que necessitava enfrentar para chegar até lá. Chegar aqui tem um duplo sentido: chegar fisicamente e chegar a ser aceita como interlocutora qualificada e digna da confiança dos moradores, meus potenciais entrevistados. Sabia também que os moradores da cidade foram violentamente atingidos pela repressão à guerrilha e pela censura que esteve sempre, *pari passu*, com aquela. Por esta e por outras razões, tinham medo de falar das experiências vividas na época, sobre as quais preferiam guardar silêncio. Meu desafio era então o de criar as condições favoráveis à emergência destas falas reprimidas, censuradas por terceiros ou autocensuradas. Fazer com que pudessem ser enunciadas e assumidas, diante da câmara, sem provocar excessivos sentimentos de culpa, vergonha, perda, medo de banalizar a dor do passado ao relatá-lo. Neste terreno, o pesquisador não tem como contar com garantias prévias de qualquer natureza. Não tem também como oferecer garantias ao entrevistado. Aqui, aceitar a relação de pesquisa, é correr riscos, para ambas as partes. Decidi então apostar e buscar parceiros que também estivessem dispostos a aceitar a aposta que lhes estava propondo.

Não foi fácil encontrá-los. Foi necessário conviver com eles, descobrir interesses e desejos comuns que permitissem estabelecer algum tipo de cumplicidade entre nós. Contar-lhes quem sou, porque interessei-me por suas memórias e o que pretendia fazer com seus relatos, foi o primeiro passo. Aos poucos, fomos conhecendo-nos e revelando-nos, saciando nossa mútua curiosidade. Por razões óbvias, minha relação com os entrevistados não era simétrica. Meu lugar era o do estranho que chega fazendo perguntas sobre a guerrilha, situação que já lhes era bastante familiar, pois por ali passaram e continuam a passar muitos estranhos: guerrilheiros, militares que os combateram, jornalistas, familiares de ex-guerrilheiros mortos ou dados como desaparecidos, pesquisadores, políticos e seus assessores, advogados, Procuradores da República (mais recentemente). A familiaridade local com a situação de pesquisa e de entrevista, em um primeiro momento, parece incompatível com o silêncio e o medo mencionados anteriormente. Mas não é. Uma coisa é entrevistar duas ou três pessoas, geralmente líderes comunitários, que já têm um discurso pronto sobre os fatos acontecidos ali durante a guerrilha. Outra é conseguir entrevistar pessoas que foram presas e torturadas, bem como seus familiares. É preciso criar as condições favoráveis



para que relatem suas memórias sofridas, fornecendo ao mesmo tempo elementos que nos permitam compreender e partilhar de seu sofrimento, além de outros que lhes permitam e nos permitam interpretar e explicar aspectos sociais e individuais deste sofrimento. É preciso ainda, constatar que parte deste sofrimento não pode ser enunciado, pois dói para além da dor que o narrador está disposto a suportar durante o esforço narrativo. É o lugar do silêncio, que também é comunicação, e que também precisa ser compreendido e respeitado.

Aprendi muito sobre o silêncio e seu lugar nos relatos de memória durante esta pesquisa. Descobri que, no caso específico das memórias traumáticas da guerrilha, o silêncio dos entrevistados revelou-se circunstancial, temporal, sujeito a vários tipos de injunções, inclusive as materiais, como foi demonstrado anteriormente. Foi surpreendente observar como os próprios narradores, a seu modo, têm plena consciência de que são sujeitos de suas memórias e de seu silêncio, que podem e devem geri-lo, dependendo da confiança que depositam nos interlocutores e do transcorrer do tempo. Tanto é assim, que criaram suas próprias temporalidades: “tempo de passar ri-ri na boca”, “tempo do fala baixo”, “tempo de cochichar”, “tempo de falar”. Demonstraram igual sabedoria sobre a *gestão do silêncio* quanto ao seu conteúdo. Uma das entrevistadas, Luzinete, muito religiosa, disse que “ninguém conta por inteiro a história de uma vida” e afirmou não acreditar que o *Novo Testamento* contenha toda a história de Jesus, mas apenas as vivências que podem reforçar sua trajetória exemplar para os fiéis. Foi a forma que encontrou para compatibilizar sua fé católica com a cura espiritual para os males de seu corpo e de sua mente, que vem buscando, com sucesso, em um terreiro de umbanda. Disse acreditar que Jesus fez muitas curas espirituais, muito além das poucas que estão relatadas no *Novo Testamento*. Outra entrevistada – Dona Felicidade – falou algo semelhante. Afirmou que “(...) ninguém conta sofrimento assim, detalhe por detalhe, de cada instante da vida da pessoa.”

Também foi um aprendizado constatar os aspectos sócio-culturais do silêncio destes narradores. Relacionar o silêncio com o analfabetismo, por exemplo, é uma forma perspicaz que encontraram para afirmar sua cultura, frente à cultura letrada do interlocutor, além de ser uma forma de denunciar a exclusão social. Quando lhes convém, negam-se a falar sobre a guerrilha, afirmando que são analfabetos e, “quem é





analfabeto não sabe de nada”, por esta razão, deve silenciar. Seu silêncio é denso, formado por camadas espaciais, temporais e mesmo luminosas, sedimentadas culturalmente. Há o que deve e o que não deve ser conversado no terreiro ou na porta das casas, no lusco-fusco de uma “boca de noite”; o que deve ser conversado na sala de visitas, quando o pesquisador é tratado como um visitante; bem como o que convém ser cochichado na cozinha, com os íntimos (o pesquisador pode chegar a ser um deles). O que é silenciado em uma primeira entrevista, pode muito bem ser enunciado em outra, em outro tempo e lugar. Cabe ao pesquisador perceber estas nuances, adequar-se a suas temporalidades e espacialidades, bem como às nuances de gênero, pois há também o que pode ser conversado “de mulher pra mulher” e “de homem pra homem”. O conteúdo e a qualidade de uma entrevista gravada às pressas, na porta da casa, com o entrevistado cercado de curiosos, sob um sol forte, são nitidamente diferentes dos de um relato gravado na cozinha ou no quintal da casa do entrevistado. O pesquisador deve esperar ser admitido em cada um destes espaços e, geralmente, tem que passar por todos eles, antes de chegar naquele que lhe convém, no meu caso, a cozinha ou o quintal. Os espaços do trabalho também favoreceram a intimidade entre o pesquisador e o entrevistado, neste caso específico. Observei que, quando as mulheres estavam lavando roupa, cozinhando, quebrando coco, raspando mandioca, pescando na beira do rio, etc., doía-lhes menos relatar suas experiências traumáticas.

Não tenho a pretensão de generalizar estas observações, pois são também circunstanciais, tal qual o silêncio dos entrevistados. São frutos de uma experiência de pesquisa específica, agora sedimentados em minhas memórias de cineasta e pesquisadora. São contribuições deste trabalho para o debate sobre os estudos de memória.

Outra contribuição, acredito, é a interpretação da Guerrilha do Araguaia como um conflito entre diferentes culturas, que permeava a luta armada. Procurei demonstrar que a distância cultural entre os guerrilheiros e os moradores da região era bastante grande, intransponível no curtíssimo tempo da guerrilha. A pretendida aliança entre guerrilheiros e moradores da região não era apenas uma questão de tempo, envolvia toda a complexidade de celebrar o difícil pacto entre os “analfabetos” e os “sabidos”; entre as tradições religiosas locais e a crença na revolução socialista; entre os “fracos de



condição” e os “fortes de condição”; entre “uma partizinha do Brasil”, onde viviam os que tinham carteira de identidade e eram “de muita integridade”, e a “brabeza”, habitada pelos que não tinham documentos e eram considerados “de pouca integridade”; ou ainda, entre “o cosmos sangrento e a alma pura”, como disse Glauber Rocha, por meio dos versos de Mário Faustino, no filme *Terra em Transe*.

Procurei descrever também a dificuldade de viver na região no tempo da guerrilha e hoje, na época da pesquisa. Ali a expressão “escapar com vida” tem duplo sentido: tanto pode significar assegurar os meios de subsistência, quanto o sentido igualmente trágico de não sucumbir na luta armada. Esta também tinha dupla face na época da guerrilha: havia o conflito armado entre os guerrilheiros e as forças da repressão à guerrilha e, também, a luta armada entre posseiros e grandes fazendeiros que estavam se estabelecendo na região na mesma época. A migração, tanto quanto a guerrilha, marcou a memória destes narradores. Muitos dos que ali chegaram, vindos do Nordeste, “tangendo jumento”, em busca de terras onde pudessem “se arrancar”, dali saíram algemados, em viaturas e aviões militares, para os centros de tortura da ditadura militar. Uns voltaram e outros não. Dentre os que voltaram “arrebentados”, muitos descobriram, na volta, que tinham perdido suas terras para grandes fazendeiros, que denominam genericamente de “mineiros”. Atualmente a guerrilha acabou, mas a luta pela sobrevivência continua. Os conflitos pela posse da terra, hoje, são tão violentos quanto na época da guerrilha. A luta contra a pobreza, o isolamento, o analfabetismo, o desemprego, etc., continuam a marcar a vida dos que vivem na região.

Esta pesquisa dialoga com outros estudos acadêmicos já existentes sobre a luta armada no Brasil, no período posterior ao golpe de 1964, e, em especial, com os que tratam especificamente sobre a Guerrilha do Araguaia. Sua contribuição está em eleger os relatos de memória de moradores da região como fonte principal. Além disso, buscou-se, nos relatos, focar as histórias e as experiências dos próprios moradores, não as dos guerrilheiros. Outra contribuição é que, talvez pela primeira vez, este tema é olhado por alguém que não participou da militância de esquerda na época e que não tem vínculos formais com partidos de esquerda atualmente. Do ponto de vista teórico-metodológico, a interdisciplinaridade da abordagem e o registro audiovisual dos relatos são também inovadores no contexto da literatura já existente sobre o tema. Aqui os



relatos são analisados não apenas em seus aspectos históricos, mas também como o lugar da construção de diversos tipos de representações e interpretações. Os relatos gravados em vídeo ou em película, que são parte integrante desta pesquisa, vêm enriquecer o conjunto de fontes e documentos já existentes sobre as memórias da Guerrilha do Araguaia.

## BIBLIOGRAFIA

- APEL, Karl-Otto, “La comunidad de comunicación como presupuesto transcendental de las Ciencias Sociales”, in: *La transformación de la Filosofía*. Tomo II. Madrid, Taurus, 1985, pp. 209-249.
- BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, in: BENJAMIN, Walter, *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1987, pp. 197-221.
- BOURDIEU, Pierre, *A miséria do mundo*. Petrópolis, Vozes, 1997.
- CANDIDO, Antonio, *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo, Duas Cidades, 1982.
- GADAMER, Hans-Georg, *Verdad y método II*. Salamanca, Ediciones Sígueme, 1993.
- LÉVY-BRUHL, Lucien, *Les fonctions mentales dans les sociétés inférieures*. Paris, Presses Universitaires de France, 1951.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de, *Razão e afetividade: o pensamento de Lucien Lévy-Bruhl*. Campinas, Unicamp, 1991.
- POLLAK, Michael, “La gestion de l’indicible”, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 62/63, Paris, Junho/1986, pp. 30-53.
- RICOEUR, Paul, *Du texte à l’action: essais d’herméneutique II*. Paris, Éditions du Seuil, 1986.
- RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Rio de Janeiro, Imago, 1978.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## **FILMES**

*Palestina do Norte: o Araguaia passa por aqui*, filme de curta-metragem, Dácia Ibiapina da Silva, 15 minutos, Brasília, 1998.

*Terra em transe*, filme de longa-metragem, de Glauber Rocha, 1968.

## **PERIÓDICOS**

*O Globo*, Rio de Janeiro, 28/04 a 10/05/1996.

## **ENTREVISTAS MENCIONADAS:**

Petronília Maria da Silva – Donila – entrevista realizada em Palestina do Pará, em abril de 1995.

José Manoel Barbosa – entrevista realizada em Palestina do Pará, em abril de 1995.

Otacílio Alves de Miranda – entrevista realizada em Marabá-Pará, em janeiro de 2001.

Dona Felicidade - entrevista realizada em Marabá-Pará, em janeiro de 2001.

Luzinete Ferreira Nascimento – entrevista realizada em Palestina do Pará, em fevereiro de 2001.